

## DESCONSTRUÇÃO DO PATRIARCADO EM PONCIÁ VICÊNCIO

Marluce Freitas de Santana<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

*Resumo:* A tradição patriarcal aprisiona a mulher a papéis submissos de respeito à ordem do pai, tal estrutura é excludente e reforça a identidade feminina como uma extensão da força masculina. Opondo-se a essa tradição, a crítica literária feminista contemporânea preocupa-se com o questionamento dessas representações para propor o corpo feminino liberado e livre das amarras do sistema patriarcal. Nesta pesquisa, objetiva-se identificar os discursos subversores da estrutura patriarcal no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Exploraremos os conceitos de patriarcado, de Elódia Xavier (1998), de afro-brasileiro, de Eduardo Duarte (2006), de feminismo de Nelly Richard (). Com isso, propomos o aprofundamento da análise das estruturas subversivas que a narrativa de Evaristo expõe como crítica ao patriarcado.

*Palavras-chave:* Patriarcado. Desconstrução. Feminismo. Afro-brasileiro. Crítica Cultural.

[...] se conseguirmos mostrar como a Literatura pode tornar visível, através de seus recursos estéticos, o aspecto caduco de certas práticas sociais, estaremos, talvez, contribuindo para a renovação da sociedade e para um mundo melhor. (XAVIER, 1998, p.14)

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta considerações preliminares acerca de uma pesquisa em andamento intitulada *Desconstrução do patriarcado em Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Esta pesquisa insere-se na Linha 1- *Literatura, Produção Cultural, Modos de Vida*, do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da UNEB. Nossa justificativa para propor um estudo sobre essa obra parte do reconhecimento que a crítica literária vem dando ao livro de Conceição Evaristo como uma das obras que retoma a representação de questões afro-brasileiras a partir de um lugar de revisão da tradição.

Com um recorte para o estudo do patriarcado, objetivamos analisar como as questões de gênero estão representadas em *Ponciá Vicêncio*. Além da importância dessa obra para os estudos literários atuais, particularmente, tenho uma admiração especial pela autora e obra, desde 2007, quando assumi o componente curricular “Literatura e Cultura Afro-brasileira”, na UNEB. Inicialmente, destaco que Conceição Evaristo busca, por meio de um *Eu enunciador* afrodescendente, demarcar posição política a favor dos socialmente excluídos e inscrever-se como sujeito identificado às raízes africanas, conforme bem pontua Eduardo de Assis Duarte (2006).

Como parte de uma proposta crítica de atuação no magistério superior, me auto-identifico como uma negra, neta de uma linda mulher negra, com traços fenotípicos de afrodescendência como

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: mvsantana@uneb.br

comprova meu registro de nascimento, que me atribui a designação de cor “parda”. Nessa enumeração de justificativas, não posso deixar de fora a postura política de luta pelos direitos humanos e aversão ao preconceito racial. Desde muito cedo, senti-me sensibilizada e incomodada com qualquer tipo de discriminação e preconceito, o que me motivou a estudar e produzir em torno das questões sobre os negros e negras brasileiras.

Resultante disto, desenvolvi estudos que originaram alguns trabalhos apresentados em eventos acadêmicos, inspirados na paixão que nutro pela obra e pela autora Conceição Evaristo e estimulados pelas inquietações que se mobilizaram a produção acadêmica, cuja problemática discorre representações canônicas dos grupos subalternizados, dentre os quais, os afro-brasileiros em especial a mulher negra.

Para este trabalho, ressalto a importância de fazer reflexões mediadas pelo diálogo entre o texto literário e outras áreas, buscando articular o potencial interdisciplinar intrínseco à Literatura e, também, destacá-la como importante meio de se questionar a realidade, e produzir realidades outras, transgredir e subverter seu *status quo*, dado às possibilidades de “trapacear” com, na, e pela linguagem, conforme aponta Barthes (1978).

Seguindo essa perspectiva, vinculo-me aos estudos de Crítica Cultural, pois tenho afinidades com as discussões sobre os grupos subalternizados. Essa identificação se justifica pelo movimento subversivo, mobilizado pelo pensamento pós-crítico contemporâneo, que busca, do campo linguístico-literário, “violentar a violência colonizadora [...] e promover uma desmontagem permanente das formas de representação do ocidente branco, capitalista, logocêntrico, eurocêntrico, falocêntrico e patriarcal” (MOREIRA, 2010, p. 139).

Embora existam diversos estudos sobre a obra *Ponciá Vicêncio*, que problematizam variadas questões em torno da afrodescendência brasileira, mantivemos o interesse de pesquisa-la, buscando deslindar o universo simbólico do discurso evaristiano, no sentido de fazer vir a lume estratégias e operações desconstrutoras do paradigma patriarcal, a partir de pistas que apontam para a valorização da oralidade e de outras formas de representação do universo subjetivo da mulher afro-brasileira.

O avanço das mulheres também no âmbito da expressão literária marca uma importante conquista do feminismo, desde Beauvoir (1949), que identificou o mito da mulher e a sua disseminação como sustentáculo ideológico do patriarcado, nos textos escritos pelos homens sobre as mulheres. Todavia, a mitologia feminina patriarcal se mantém, muitas vezes, na escrita de mulheres, cujas obras estão filiadas aos movimentos de emancipação feminina e dos grupos

excluídos, mas que ainda operam com essencialismos e polarizações decorrentes da estrutura hegemônica patriarcal (GLASS, 1989).

Tal problemática instigou o desejo de tomar a mencionada obra como lócus de investigação, partindo da hipótese de que, sendo Conceição Evaristo uma negra que faz da sua arte militância e do seu discurso um contradiscurso de rasura e interposição ao cânone literário, o estudo possibilitará uma crítica no campo linguístico-literário ao paradigma hegemônico etnolofocêntrico, pois parte de paradigmas subjetivos e pautados na oralidade para a construção do imaginário de sua protagonista.

Tal engajamento da autora já foi aprontado pela crítica literária. A afro-descendência pulsa em sua obra. Por exemplo, *Ponciá Vicêncio* revela o seu engajamento e seu lugar político e ideológico de pertencimento e autoenunciação da mulher negra, conforme constata Duarte (2006). Nessa direção, elaboramos os questionamentos iniciais que orientam a proposição desta pesquisa: Que elementos fazem da obra *Ponciá Vicêncio* um contradiscurso afro-brasileiro à estrutura mítica patriarcal? Que elementos estéticos na obra trazem marcas do feminismo contemporâneo? Quais os recursos da oralidade foram utilizados pela autora para promover o esvaziamento do patriarcado?

Dar respostas a tais questões requer a formulação de objetivos, estabelecendo diretrizes para o estudo. Dessa forma, busca-se em âmbito geral identificar os elementos estruturais subversivos ao patriarcado presentes na obra *Ponciá Vicêncio*, a partir da crítica feminista e da sociologia de gênero, ressaltando a desconstrução dos papéis femininos e a ruptura com o sistema patriarcal por meio da valorização da oralidade e da subjetividade feminina.

Em termos mais específicos, buscaremos caracterizar as principais marcas da desconstrução do patriarcado no romance em destaque; identificar os elementos da subjetividade e ludicidade da narrativa relacionadas à tradição afro-brasileira e comparar a desconstrução do romance tradicional a partir do paradigma feminista de busca de um novo lugar para a mulher no espaço da casa; e ainda, situar a obra como importante discurso crítico-cultural, do ponto de vista da crítica às representações essencializantes do feminino afro-brasileiro.

Com isso, espera-se contribuir com a produção de conhecimento sobre as questões de gênero, na perspectiva da crítica ao paradigma patriarcal, a partir da literatura afro-brasileira e da crítica literária feminista contemporânea, promovendo reflexões sobre o lugar da mulher na literatura e a relação disto com a dominação patriarcal, na perspectiva do empoderamento feminino como estratégia antipatriarcal.

## PONTO DE MUTAÇÃO: O ABALO DO PARADIGMA PATRIARCAL

Muraro e Boff (2010) falam do processo de transição e das transformações provocadas pela aceleração histórica, científica e tecnológica desencadeadas no final do século XX e início do século XXI e como esse ponto de mutação da espécie humana aponta para a emergência de uma nova consciência e de novas formas das relações humanas.

O paradigma civilizatório patriarcal, que fundamentou as principais categorias de pensamento e instituições ocidentais, instaurou o domínio masculino sobre a natureza, instituindo o exercício do poder como dominação ou hegemonia do mais forte. A racionalidade tecno-científica, que dicotomiza e reduz o complexo ao simples, levou às últimas consequências o projeto androcêntrico, cujas agressões ao planeta pôs em risco de extinção as diversas espécies de vida, condicionou as relações sociais e naturais à lógica do mercado, instituindo a competitividade e autodestruição como princípios prevaletentes, ao invés da preservação e da solidariedade, comprometendo a qualidade de vida na terra. (MURARO E BOFF, 2010, p.17-18).

Há previsões catastróficas sobre a impossibilidade de reversão desse processo de violência e destruição, caso a humanidade não se reinvente e se aproprie de uma nova consciência, cujos princípios do cuidado, da solidariedade, do compartilhar vida e bens da natureza sejam a tônica. Preconiza-se, portanto, a união de forças e fontes de inspiração, um pacto entre homens e mulheres de valorização da alteridade que rompa com a lógica de dominação patriarcal e falocêntrica.

Nesse ponto, as discussões de gênero constituem estratégia de desmonte e abalo do *status quo*, conforme preconizam Muraro e Boff (2010, p.19-20):

[...] o desafio atual consiste em desmontar a dominação dos homens sobre as mulheres, que desumanizou a ambos, mas principalmente as mulheres, mediante símbolos, linguagens, formas de exercício de poder, instituições, visões de mundo, valores e religiões, que levam a marca do antifeminismo e da continuada exclusão da mulher nos processos de decisão.

O patriarcalismo enquanto sistema construído pelo pensamento do homem branco e heterossexual, sempre esteve alicerçado no autoritarismo e na subalternização de certos grupos sociais, tais como, as mulheres, os negros, os homossexuais. Nascimento (2003, p. 65-76) enfatiza que a base ideológica fundante do preconceito racial contra os negros também se reproduz nas relações de gênero, pois que origina-se da concepção de existência de um “ser humano universal”, este masculino, branco e europeu, em oposição ao Outro “não homem”, “não-branco” e “não-ocidental”. Essa hierarquia racial tem suas raízes anteriores ao Século das Luzes, mas se fortalece com o cientificismo proliferado nesse período.

As teorias da hereditariedade conjugaram-se aos interesses colonialistas para definir os padrões de Humanidade que serviram de paradigma para classificar esse “Humano” em oposição a um “sub-humano”. Assim, o patriarcalismo, sustentáculo para o desenvolvimento capitalista burguês, classifica a mulher como segundo gênero, do mesmo modo que o etnocentrismo vê as demais raças como sub-raças:

Estabelecido o modelo do universal humano como masculino e branco, à medida que uma identidade se “desvia” desse padrão, distancia-se da condição humana. Desse modo o racismo e o patriarcalismo se cruzam numa dinâmica de interação e dependência mútua na desumanização desses grupos subordinados. [...] a crítica à dominação racial se entrelaça implicitamente com a crítica ao patriarcalismo (NASCIMENTO, 2003, p. 68-69).

A Literatura enquanto constructo cultural, à luz das teorizações dos Estudos Culturais, Pós-Coloniais, Pós-Estruturalistas, Feministas e da Literatura Comparada vem desempenhando um importante papel político e ideológico, na medida em que esse campo de estudos se abre para o diálogo interdisciplinar, incluindo abordagens críticas revisionistas que interpelam o cânone e questionam as representações totalizantes e hegemônicas. Nesse sentido, Gomes (2013, p. 33) destaca que:

[...] trata-se de um sistema estético-cultural que tem suas particularidades, com conhecimentos diferentes que têm a função de desconcertar, incomodar, desorientar ou desnortear seus leitores, visto que pertence ao campo da subjetividade [...] mas para um ensino atualizado é preciso avançar além dessas características com um projeto de intervenção política nas aulas de literatura.

A crítica literária contemporânea alinha-se à crítica literária feminista e ao feminismo, este compreendido como pensamento social e político da diferença, para deslegitimar os sistemas representacionais hegemônicos da mulher na literatura canônica. Inicialmente, esses estudos denunciam e problematizam as formas tradicionais de representação da mulher, marcadamente estereotipada. Numa outra ótica, o feminismo crítico busca mapear a diversidade expressiva e subjetividades da autoria feminina (DUARTE, 2003).

A produção literária de autoria feminina no Brasil, a partir de 1980, busca desconstruir os esquemas representacionais ocidentais, deslocando a centralidade do sujeito, homem, branco, bem situado socialmente, voltando-se para “a re-escritura de trajetórias, imagens e desejos femininos” (ZOLIN, 2009, p. 106).

A escrita de Conceição Evaristo insere-se numa vertente da Literatura Nacional caracterizada pelo discurso literário de representação étnica identitária afro-brasileira, que se origina da necessidade de organização política do/as escritores/as negros/as brasileiros/as que buscam dar resposta coletiva à problemática do preconceito e discriminação racial no Brasil, também manifestado no âmbito das Letras (SOUZA, 2006).

A obra *Ponciá Vicêncio* instiga o aprofundamento de questões em torno das identidades afro-brasileiras femininas contemporâneas e das intersecções históricas, políticas e sociais daí decorrentes, pois traz na tessitura do discurso literário abertura para o diálogo interdisciplinar que atualiza o pensamento acadêmico contemporâneo (HALL, 2000).

Compreendida como um contradiscurso literário e histórico, essa obra apresenta-se como ação político-ideológica que se interpõe ao cânone e faz emergir um discurso histórico Outro, deslocando a centralidade da construção de uma historiografia hegemônica, masculina, burguesa e eurocêntrica, para atribuir valor aos sujeitos excluídos, dando-lhes voz e autorizando-os sujeitos enunciadores da própria história, que desafia e desestabiliza a oficial.

Importa destacar as possibilidades de pensar a condição afrodescendente sob o olhar do determinante de gênero, pois, conforme nos alerta Nascimento (2003, p. 71): “O próprio movimento feminista nem sempre se caracterizou por uma consciência dos problemas específicos da mulher negra, conservando por muito tempo a face branca e de classe média da época de Du Bois”.

Esta autora afirma que a crítica ao universalismo ocidental hegemônico e a luta antirracista não pode prescindir da crítica às questões de gênero, que são parte integrante de um mesmo sistema de dominação. “[...] A questão racial e a de gênero, no seu inter-relacionamento, dizem respeito à vivência real dos direitos humanos e da cidadania, e é nesse contexto que a abordagem teórica da identidade ganha sentido” (NASCIMENTO, 2003, p. 77).

A contestação da “Verdade”, construída a partir da legitimação dos representantes do Poder, encontra em Foucault (1998, p. 19) as bases teóricas para se pensar a escrita feminina afrodescendente de Conceição Evaristo como Outra verdade, que desloca, descentraliza e desconstrói o discurso hegemônico, na medida em que faz surgir do entrelace literário, onde linguagem, ficção, memória vivenciada e ativismo social tecem, em tom poético, a trama protagonizada por diversos personagens afro-brasileiros, um contradiscurso que interroga o absolutismo da narrativa literária e histórica canonizadas.

## **SOBRE O MÉTODO**

O estudo será desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, cujas fontes e categorias de análise referem-se às questões de gênero, partindo do campo linguístico-literário, encetando-se a Crítica Cultural na perspectiva de uma metodologia sob as bases do pensamento Pós-Estruturalista, Pós-Colonial e do Feminismo contemporâneo.

Buscaremos os aportes teóricos da crítica feminista contemporânea como as de Nelly Richard, do feminismo negro, na voz de Sueli Carneiro, dos estudos sobre literatura e afrodescendência, proposto por Eduardo de Assis Duarte (2006), da sociologia de gênero e crítica ao patriarcado proposta por Elódia Xavier(1998), Constância Duarte(2003), Lucia Zolin (2009) e Carlos Gomes(2013), dentre outros e outras pesquisadores.

Partiremos da busca de vestígios que apontem para uma operação de desmonte da estrutura patriarcal por meio da linguagem literária, tendo as formulações desses teóricos e teóricas sobre a desconstrução como orientação metodológica.

Estabeleceremos o confronto da tradição patriarcal na escrita de mulheres com a escrita afro-brasileira evaristiana, para identificarmos os artifícios estéticos que buscam “desconstruir”, “esvaziar”, “subverter”, ou “reverter” a estrutura imposta. Tal visão metodológica é sustentada pela tradição da “desconstrução”, proposta por Jacques Derrida () e os pós-estruturalistas que exploram operações de desmonte com, na, da, e pela linguagem, provocando deslocamentos, reversões, esvaziamentos, despolarizações, destotalizações e des-hierarquizações. Tal proposta metodológica é operada pela crítica cultural em diálogo com outros campos do conhecimento: crítica feminista contemporânea e feminismo negro; filosofia contemporânea; sociologia de gênero; estudos culturais e interdisciplinares sobre afrodescendência brasileira.

A pesquisa quanto à natureza do objeto de estudo adotará uma abordagem qualitativa, uma vez que os objetivos pleiteados norteiam-se por questões cujas respostas passam por subjetividades, crenças, valores, representações da realidade, opiniões, haja vista a complexidade do fenômeno a ser explicado. Para tanto, adotaremos a Interpretação de Sentidos como procedimento para a Análise de Conteúdo, conforme preconiza Minayo (2006).

O estudo será desenvolvido a partir da dinâmica do pensamento indutivo, partindo de uma realidade particular, compreendida das representações e sentidos suscitados pela análise da obra literária *Ponciá Vicêncio*, da autora Conceição Evaristo, para construir saberes aplicáveis a situações mais amplas e gerais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As conquistas das mulheres em todo o mundo, contabilizadas a partir dos anos 60 do século passado, marcam uma longa trajetória histórica de lutas em busca de um tratamento igualitário em termos civis, políticos, sociais e culturais. As mulheres desse século veem muitas de suas reivindicações materializadas, graças à resistência contra a desigualdade, à discriminação, organizada

pelos movimentos feministas em suas diversas formas de expressão, contribuindo para um posicionamento estratégico da mulher no espaço público, historicamente delimitado pelas redes de dominação patriarcais e falocêntricas.

Nascimento (2003, p.115-120) aponta para a desigualdade de tratamento da sociedade brasileira em relação às mulheres e especificamente para com as afrodescendentes. Verifica-se em dados do IBGE mais recentes a crescente ocupação pelas mulheres de espaços anteriormente reservados aos homens, na área educacional, no setor produtivo, na política, enfim, hoje poderíamos afirmar que não há âmbitos sociais e privados nos quais às mulheres seja impossível estar. No entanto, conforme Strey (2001, p. 10), a realidade das mulheres evidencia que essas conquistas “são mais aparentes do que substanciais”.

A imagem estereotipada da mulher como “o segundo sexo”, apropriando-nos das formulações de Simone de Beauvoir, ainda delimita a condição feminina ao poder determinista de uma sociedade machista, falocêntrica e patriarcal. As desigualdades entre homens e mulheres estão patentes na ocupação dos espaços de poder, para citar alguns exemplos, nos postos de mando da política, do mercado de trabalho, na academia, nos meios intelectuais, na mídia, etc, conforme destaca Constância Duarte (2003, p.168):

Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença absurdamente desigual de mulheres em assembleias e em cargos de direção, e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física.

Além disso, o equívoco de considerar a identidade feminina como uma categoria fixa, generalista, em que o nascer mulher define e determina uma condição inegociável levou a se pensar que os avanços conquistados contemplariam equanimemente a todas as pessoas do sexo feminino.

Munanga (2006, p.133) ao abordar a realidade feminina afrodescendente no Brasil atual chama a atenção acerca de que o fator étnico-racial acrescenta às mulheres afro-brasileiras impeditivos ao usufruto dessas conquistas, se comparadas às mulheres pertencentes a outros grupos étnicos, ou seja, o condicionante racial num país de racismo velado como o Brasil condena a população feminina de descendência africana ao duplo preconceito: de gênero e de raça.

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista (MUNANGA, 2006, p.133).

No Brasil, mesmo após as conquistas sociais resultantes da luta histórica do segmento negro, a exemplo da Lei 10.639/03, das cotas nas universidades públicas e no serviço público, das políticas públicas de promoção à igualdade racial, implementadas a partir de 2003, a representação da mulher negra na sociedade permanece marcada pelos estereótipos construídos ao longo de uma história que determinou aos negros e seus descendentes uma herança de inferiorização, submissão e exclusão.

São as mulheres negras, em sua maioria, que ainda desempenham os papéis de menor prestígio na sociedade, alimentando uma concepção de feminino sob as bases do paradigma euro-etno-falocêntrico. A mulher negra do terceiro milênio continua, em sua maioria, desempenhando funções braçais, insalubres e pesadas, cuidando da casa e dos filhos de outras mulheres que ascendem socialmente.

O feminismo enquanto movimento teorizado cientificamente vem conquistando espaço no meio acadêmico ao longo dos últimos anos, todavia há que se intensificar o debate nas questões relacionadas à intersecção entre gênero e raça, com ênfase para a transitividade identitária da afrodescendência feminina, buscando compreender as implicações advindas da condição de ser mulher negra ou afro-brasileira no Brasil contemporâneo, temática pouco assistida pelo movimento feminista tradicional e pelo Movimento Negro, conforme atesta Munanga (2006, p. 133).

Assim, fazer do romance *Ponciá Vicêncio* mola propulsora para a produção de conhecimento acadêmico em torno da Crítica Cultural, sob o ponto de vista do feminismo contemporâneo, posiciona o estudo no front por um compromisso intelectual com as transformações sociais necessárias à contemporaneidade e reafirma a visão foucaultiana acerca do papel desse intelectual (FOUCAULT, 1998, p. 42).

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 1949. Trad. Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

DUARTE, Constância. Feminismo e literatura no Brasil In: *Estudos Avançados*. v. 17, n.49, São Paulo, set/dez, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010)>. Acesso em: agosto/2014. (p. 151-172)

BONNICI, Thomas. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.

- DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afrobrasileiro de Conceição Evaristo. *Revista de Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, Florianópolis, Jan./Abr.2006 <<http://www.scielo.br/scielo.p?lng=n>>. Acesso em: setembro/2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Notas sobre a literatura brasileira Afro-descendente*. Belo Horizonte: Cronos Revista de História,2002.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p.15-37.
- GOMES, Carlos Magno. Ensino de Literatura: dos estudos de gênero a historiografia. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Campina Grande: ABRALIC, n. 22, 2013, (p. 31-45)
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 25ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOREIRA, Osmar. *Um Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: Quarteto, 2010.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006. (Para entender).
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino & Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Sortilégio da Cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- STREY, Marlene Neves; MATTOS, Flora B.; FENSTERSEIFER, Gilda; WERBA, Graziela C. (Org.). *Construção e Perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.
- ZOLIN, Lúcia. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. In: *Ipotesi*. Juiz de Fora: UFJF, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez, 2009.